

## IMAGENS DOS DEUSES E DEUSAS ASTECAS

Gislene Bernardo Saraiva<sup>1</sup>

Núbia Agostinha Carvalho

### RESUMO

Este trabalho discute sobre a diversidade de imagens dos deuses e das deusas da sociedade asteca e da relação desse povo com os deuses nas práticas do cotidiano. Além de refletir acerca do valor das imagens, enquanto documentos históricos, culturais e artísticos que permeiam o universo asteca, ressaltamos ainda, sobre o poder do deus Quetzalcoatl, no período da chegada de Cortez no México, em 1519.

**Palavras-Chave:** Imagens; Deuses astecas; México.

### INTRODUÇÃO

Na sociedade Asteca, existia uma multiplicidade de deuses e deusas que revelavam os modos de viver, de sentir e de pensar dos povos pré-colombianos. Neste artigo pretendemos refletir sobre esse mundo asteca do século XVI, buscando entender os significados das imagens na construção do conhecimento sócio-histórico, cultural e artístico da sociedade asteca.

Para isso, dialogamos com algumas fontes, no intuito de entender e refletir sobre a complexidade dos deuses que, mesmo na sua multiplicidade, reside uma unicidade. É o que podemos observar nas palavras de Todorov: “A religião asteca é simultaneamente uno e múltiplo”<sup>1</sup>. Podemos dizer que é no plural que o singular se entrecruza na composição das divindades. Revisitamos as leituras das imagens desses deuses e deusas para a concretização deste trabalho. Assim, fizemos as nossas releituras a partir do material pesquisado. Enfocamos, ainda, a sociedade de massacres e sacrifícios, destacando Hernán Cortez e o deus Quetzalcoatl, que compõem discursos em torno do imaginário da colonização da Mesoamérica. Cortez se apropria de signos e lendas indígenas para facilitar a conquista.

---

<sup>1</sup> As autoras cursam terceiro semestre de Licenciatura em História na Universidade Federal do Ceará.

Desse modo, direcionaremos o nosso olhar para a conquista espanhola, repensando as imagens construídas em torno dos deuses astecas, em especial, Quetzalcoatl. Dentro dessa lógica, a questão que orienta este artigo é: que implicações as imagens dos deuses e das deusas astecas tiveram na realidade do México na época da conquista espanhola? Nessa perspectiva, traçamos o nosso objetivo que é analisar o universo das imagens dos deuses e deusas astecas, no intuito de compreender o modo de viver desse povo, na época da conquista espanhola.

## **MITO DA CRIAÇÃO DO MUNDO NA COMPREENSÃO ASTECA**

Muitas sociedades buscam na mitologia uma explicação para o surgimento do universo. Assim, criam ou recriam mitos ou deuses, com o intuito de (re)significar a realidade concreta ou imaginada que se diferenciam de uma cultura para outra. Com os astecas não foi diferente: eles tiveram uma diversidade de deuses e deusas que faziam a mediação entre o sagrado e o profano. Nas diversas culturas, o mito exerce um papel fundamental na construção do Mundo. Dentre os vários mitos da criação, vale lembrar a “Serpente do Mundo” que mora nas profundezas do oceano. Trata-se de um mito egípcio que, de acordo com Wilkinson<sup>2</sup>, foi a fonte de toda a criação e que o deus/deusa asteca Tezcatlipoca, utilizando o seu pé como isca, atraiu o “Monstro da Terra”, uma espécie de serpente. O referido autor nos conta que o monstro ficou ferido, depois de ter ingerido o pé do deus e não conseguiu mais retornar para o oceano; desse modo, a terra foi feita de seu corpo gigantesco.

Os Astecas compreendiam, conforme Marcilly<sup>3</sup>, ser os deuses companheiros permanentes do homem e não permitia nunca esquecer, sendo suas exigências maiores do que os benefícios. O mesmo autor reconhece ser penoso apresentar os deuses dos Astecas, não só por serem numerosos, mas porque muitos deles foram emprestados por povos vizinhos, resultando numa complexa descendência.

Para que possamos nos (re)apropriar da mitologia asteca, é necessário conhecer como se deram os quatro fins de mundo, conforme a visão mexicana do universo. Marcilly diz que eles:

Acreditavam firmemente que o mundo fora totalmente pulverizado pelo menos quatro vezes. Eram para eles ‘os quatro sóis’. Estavam, portanto, na 5ª era, que coincide com a nossa. E deveria ter o mesmo destino: um novo fim de mundo.

No 1º. Sol, a terra foi despedaçada (tremor de terra).

No 2º. Sol, a terra foi agitada fortemente (erupção vulcânica).

No 3º. Sol, a terra explodiu (divisão do átomo).

No 4º. Sol, a terra desapareceu sob a água (dilúvio).

Convém salientar que cada fim desses quatro períodos é indicado com precisão por sua data exata, sobre os monumentos, bem como o calendário asteca ou a pedra de sóis.<sup>4</sup>

À luz dessa citação, é possível dizer que na cosmologia asteca as quatro versões possibilitam uma idéia mais abrangente de se pensar sobre o fim do mundo. O calendário asteca traz a figura central do sol, de onde a vida se alimenta. Os deuses têm um lugar especial na “Pedra do Sol”, pois são eles os mediadores entre a ordem terrena e a ordem cósmica. “Os astecas dispõem de um calendário religioso, composto de treze meses com duração de vinte dias; cada um desses dias possui um caráter próprio, propício ou nefasto, que é transmitido aos atos realizados nesse dia e, principalmente, às pessoas que nele nasceram”<sup>5</sup>. O tempo deixa de ser abstrato para os astecas, obtendo concretude por meios dos presságios. As pessoas buscam a interpretação dos acontecimentos. Por exemplo, quando nascia uma criança, buscava-se a ajuda de um astrólogo, feiticeiro ou adivinho para saber de seu destino.

Retornando ao pensamento de Marcilly, no que se refere ao dualismo da religião mexicana, ainda relacionado à criação do mundo, ele afirma que:

O elemento masculino e o feminino aí são naturalmente opostos. Simplificando, é necessário ver em Quetzalcoatl: a luz, o dia; em Tezcatlipoca: a obscuridade, a noite. O dia no masculino; a noite no feminino. A luz no feminino; a obscuridade no masculino<sup>6</sup>.

Outra versão sobre a “origem” do mundo para os astecas, é de que a terra era um enorme sapo e que os deuses amantes – o deus Quetzalcoatl e a deusa Tezcatlipoca (andrógina) –, movidos por um desejo de criação do universo, a partir de seus quatro membros fizeram a natureza: montanhas, águas, vales, plantas. E de sua cabeça foram feitos os animais. Esta é apenas uma das muitas versões para o mito da criação, conforme a visão dos povos astecas. A seguir, apresentaremos alguns deuses e deusas que compõem o panteão asteca.

## PANTEÃO: ALGUNS DE SEUS DEUSES E DEUSAS

Dentre as várias divindades do panteão asteca, vale destacar algumas que se referem ao milho, principal alimento dessa sociedade. Segundo Aquino<sup>7</sup>, a agricultura era a base dessa economia. Outros alimentos cultivados eram: o feijão, a abóbora, o tomate, o algodão e o tabaco. Para garantir uma boa safra do milho, era imprescindível venerar os deuses e as deusas. Assim, é importante conhecê-los:

**Centeotl:** Deus do milho. Adorado pelos agricultores, mas também pelos joalheiros. Sempre representado com uma espiga de milho na mão.

**Centeocihuatl:** Deusa do milho, particularmente venerada pelos agricultores.

**Chicomecoatl:** ‘Sete – Serpente’, deusa do milho em vias de amadurecer. É irmã de Tlococ, também chamada Chiclotzin, o que significa ‘Sete espigas de milho’.

**Xilonen:** ‘Espiga de milho nova’, deusa particularmente favorável ao desenvolvimento das plantas novas. Os pobres depositam nela muitas esperanças.

**Centzontotochtin:** Ao mesmo tempo ‘Os 400’, ‘Os inumeráveis’, ‘Os Abetos’. Deuses de uma atividade excessiva, pois são os companheiros da lua e divindades estelares. A eles se atribui a proteção das colheitas e são adorados pelos cultivadores de maguey, o cacto de que é feito o pulque.<sup>8</sup>

O agradecimento aos deuses por uma boa colheita é feito com oferenda por meio de sangue humano e do coração, no intuito de garantir sempre que os deuses não se esqueçam de enviar chuva e sol para a agricultura. O milho era mais importante que os metais preciosos que existiam no México. O Milho na sua cor amarela assemelha-se ao ouro, metal saqueado pelos colonizadores, nos seus objetivos de dominar, massacrar e de se apropriar desse metal nobre dos povos dessa região denominada Mesoamérica.

À luz da cultura mítica asteca, é importante conhecer mais alguns dos deuses e das deusas sanguinárias que compõem o panteão do Vale do México.

**Tonatiuh:** ‘Deus-Sol’. Parente de Huitzilopochtli e de Tezcatlipoca. Os Astecas enchiam-no do sangue dos humanos, a fim de que pudesse continuar seu curso em volta do mundo conhecido.

**Metzli:** ‘A lua’ As interpretações de sua influência são bastante difíceis de discernir. Entretanto é certo que os Astecas olhando-a vêem em seu centro um coelho. Associam-na, também ao nascimento das crianças. Para eles, ela favorecia também o crescimento dos vegetais. Podia ser macho ou fêmea. Todas as conchas poderiam representá-la, pois se ocultara, muito tempo, em sua obscuridade.

**Xoxipilli:** ‘Príncipe-flor’. Deus da abundância e das artes, dos cantos de amor, dos divertimentos. Aquele que ajuda a tornar a vida alegre e agradável.

**Xochiquetzal:** ‘Flor-Pluma’, da qual se poderá apreciar a “Leviandade”. Esposa de Tlococ foi raptada por Tezcatlipoca e em seguida, seu comportamento foi dos mais fúteis...Será por isso que é ao mesmo tempo a divindade bem-amada das esposas e prostitutas?

**Huehuettli:** ‘Velho deus venerável’. Foi provavelmente o primeiro deus adorado no México, pois é o deus do jogo. Desde que os Astecas o carregam consigo, ele mudou muito. Tornou-se velho. Representam-no enrugado, agachado no canto de um braseiro, boca aberta, com um só dente. Nos dias de festa, ele encerra a procissão dos deuses, tanto por causa de sua avançada idade, como pela precaução visível que tomam para não esquecê-lo...<sup>9</sup>.

Podemos observar uma relação de parentesco entre os deuses. O autor citado diz que, para os astecas, vegetais, animais, humanos, tudo que tem vida faz parte de uma família e a junção dessas coisas contribui para a harmonia com a natureza. Nesse sentido, é possível dizer que a sociedade Asteca era voltada para o culto do equilíbrio da natureza mediante a sua cultura das práticas dos sacrifícios.

O panteão, conforme o autor supracitado, era composto por uma multiplicidade de deuses e deusas. Vale ainda destacar: Cihuacoatl: ‘Serpente-Mulher’, que representava a deusa da guerra e dos nascimentos; Coatlicue: ‘Saia de serpentes’, deusa criadora; Tlazolteotl, ‘Deusa das imundícies’; Mictlantecuhli: ‘Senhor do país dos mortos’ e Mictlancihuatl: ‘Senhora do país dos mortos’.

Os astecas, povos politeístas, consagram aos seus deuses um lugar singular e plural nos diversos modos de representação do cotidiano. Vida e morte tendem a se complementar na circularidade do tempo. E, por acreditar na continuidade da vida através da morte, é que os astecas praticavam o sacrifício humano. Para Wilkinson, os astecas pensavam que, sem comer carne humana e sem beber o sangue dos homens, os deuses morreriam, de forma que a ordem universal seria destruída, provocando o fim da sua sociedade.

Partindo dessa perspectiva dos sacrifícios, é que abordaremos, no plano do imaginário asteca, as interpretações dadas por alguns autores, no período da invasão espanhola no Vale do México.

## **OS DEUSES NA SOCIEDADE DE SACRIFÍCIOS E DE MASSACRES**

Tzevetan Todorov, em *A Conquista da América: a questão do outro*, apresenta de forma histórica e reflexiva como se deu o processo de colonização da América. Este autor discorre, dentre outros aspectos, sobre sociedades de sacrifícios e massacres que os espanhóis e os astecas foram os principais atores sociais desses espetáculos “macabros”. Ele faz uma distinção entre essas formas de “barbárie”; o sacrifício é um assassinato religioso e feito em praça pública. O massacre é um assassinato ateu<sup>10</sup> e praticado longe, onde a lei não se faz respeitar. Este tipo de crime está estritamente relacionado às guerras coloniais.

No entanto, é importante ressaltar que, para os astecas, os sacrifícios não eram crimes, mas uma prática religiosa para agradar os deuses. Os povos astecas ofertavam sangue humano e o coração ao deus criador, no intuito de alimentá-lo, pois a sobrevivência do deus-sol, Huitzlopochtli, ameríndios e os próprios astecas dependiam da luz do astro-rei. Para Aquino, “a guerra era também um meio de obter prisioneiros, destinados aos sacrifícios nos rituais em louvor às divindades: chamadas Guerras Floridas. A guerra de conquista tinha, portanto, um objetivo político-econômico-religioso”<sup>11</sup>.

O pesquisador Jacques Soustelle esclarece que

El sacrificio humano entre los mexicanos no estaba inspirado por la crueldade ni por el odio. Era su respuesta – la única que podían concebir – a la inestabilidad de un mundo constantemente amenazado. Para salvar al mundo y a la humanidad se necesitaba sangre: el sacrificado no era un enemigo a que se elimina, sino un mensajero que se envía a los dioses, revestido de una dignidad casi divina.<sup>12</sup>

É bom lembrar que a prática dos sacrifícios já era usada na mesoamérica pelos Toltecas de forma que os astecas ou mexicas, como se autodenominavam, apropriaram-se dando continuidade a tais práticas. Ao longo da história, percebemos que o sacrifício humano era prática comum em outras civilizações, dentre elas: gregos, romanos, hindus e hebreus. O frei dominicano Bartolomé de Las Casas<sup>13</sup> ressaltava que a religião cristã, nos primórdios, praticava os seus sacrifícios. Esse discurso do frei aponta para que se atenuem as práticas pagãs dos ameríndios, acusados de idólatras, por outros religiosos da conquista. Os freis dominicanos e franciscanos que estiveram durante o período da invasão a Tenochtitlán, atual cidade do México, na segunda metade do século XVI, cometeram um massacre cultural em relação às práticas religiosas indígenas, ao impor a

sua fé cristã e destruir livros antigos, desenhos que continham as antigas tradições desses povos. Já os colonizadores, além da destruição de grande parte da cultura material desse povo, massacraram violentamente os povos ameríndios. Todorov relata o seguinte: “Os espanhóis cometeram crueldades inauditas, cortando as mãos, os braços, as pernas, cortando os seios das mulheres, jogando-as em lagos profundos, golpeando com estoque as crianças, porque não eram tão rápidas quanto às mães (...)”<sup>14</sup>.

Todorov, filósofo-lingüista, questiona a destruição da cidade de Tenochtitlán-México, pois os espanhóis, compreendendo bem os astecas e admirando a sua cultura material, destruíram tudo. Por quê? Estima-se que cerca de mais de 90% da população da América foi extinta nesse genocídio praticado pelos espanhóis.

Segundo Todorov, foi se apropriando do conhecimento das práticas místicas dos astecas e dos povos ameríndios que Hernán Cortez, conquistou o México. Os astecas não se apropriaram do universo mental dos espanhóis. A sociedade, para esse povo, era mais importante que o indivíduo. Estavam atrelados ao passado, aos presságios, aos deuses e deusas, não estavam acostumados ao diferente, ou seja, o que acontecia fora do comum era atribuído aos vaticínios. Na sociedade asteca, os signos, os sinais são muito valorizados. Montezuma internalizou os sinais dos deuses como algo que estava escrito. Em conformidade com o autor citado, a chegada dos espanhóis, em 1519, para os astecas, significou a realização de uma série de maus presságios, o que facilitou a colonização espanhola.

Em conformidade com o pensamento de Todorov, sobre as crenças dos astecas, Soustelle revela que:

Espíritus sobre los cuales pesaba toda la carga del destino, tenían que ser extremadamente sensibles a los preságios, lo mismo si se manifestaban en hechos sin importancia que como fenómenos extraordinarios. Un ruido inusitado en las montañas, el canto del buho, un cónego que entraba de pronto en una casa. Un coyote que cruzara el camino, anunciaban una desgracia.<sup>15</sup>

Mais adiante o mesmo autor, explica que, “[...] Cuando Moctezuma miró en ese espejo, vió una multitud de gente armada y montada a caballo”<sup>16</sup>. A partir dessa previsão anunciada, o rei asteca ficou desorientado. Até mesmo porque essas imagens reais e mentais foram se sobrepondo em torno dos acontecimentos de 1519,

acontecimentos esses que levaram ao massacre físico e cultural de uma civilização. Nesta perspectiva de tensão, podemos afirmar que as relações alteritárias estavam em conflito e se confrontavam, e os massacrados constituíram-se numa civilização que acreditava nas forças divinas dos deuses.

## **O QUE AS IMAGENS DOS DEUSES PODEM NOS DIZER?**

A partir das descrições de deuses, como também das várias interpretações de imagens construídas por artistas, é possível desvendar as múltiplas relações entre os humanos do Vale do México, deuses e natureza. Tais imagens, que vão sendo construídas em nosso imaginário, tendem a ganhar novas ressignificações, quando delas nos apropriamos.

Nessa perspectiva, queremos trazer para a discussão algumas das imagens astecas que são significativas. Nesse esforço de compreensão, traçado neste trabalho, iniciaremos este tópico com o Calendário Asteca, também conhecido como “Pedra do Sol” (1324-1521 d. c.).

Segundo Ragghianti e Collobi<sup>17</sup>, a “Pedra do Sol” foi encontrada em 1790, durante o processo de reparações na Catedral da Cidade do México, construída sobre o local do antigo templo de Tenochtitlán. A estilização do calendário somada à riqueza de detalhes compõe o todo do objeto. Nessa configuração, a imagem gravada num baixo-relevo vai se apresentando como um documento histórico, antropológico e artístico na sua dimensão representativa da cultura asteca. A circularidade está intimamente relacionada ao tempo que é o elemento significativo e predominante na “Pedra do Sol”. Vejam como os autores referidos descreveram-na:

Com os seus hieróglifos, que correspondem a dias, meses, sóis – ou ciclos cósmicos – este calendário de pedra mostra a história do mundo, segundo a cosmologia asteca. No centro está o sol (Tonotíuh), cercado pelos símbolos do movimento e os quatro sóis ou mundos cosmogônicos anteriores aos astecas: Tigre, Água, Vento e Chuva de Fogo. Ao redor do centro há uma faixa com hieróglifos dos vinte dias do mês asteca; outras faixas mostram raios de sol, pedras preciosas, símbolos do sangue e das flores, elementos do culto solar e as duas serpentes que indicam o retorno cíclico da ordem cósmica<sup>18</sup>.

Outra imagem que faz parte da mitologia asteca é o deus Tezcatlipoca denominado ‘Senhor do Espelho Fumegante’, cujo espelho tinha poderes de prever o futuro. Como já foi reiterado antes, este deus enfrentou a “Serpente do Mundo”, mito da

criação do universo. Ele assumia muitas identidades, dentre elas, Yoalli Ehecatl e de Tepeyollotli. Nesta última forma, em conformidade com Wilkinson<sup>19</sup>, apresentava-se com as características de um jaguar, o rei asteca dos animais. Tezcatlipoca<sup>20</sup> é o deus da escuridão, adora amedrontar os outros, inimigo declarado de Quetzalcoal. Para o historiador Eduardo Natalino,

Tezcatlipoca era um dos quatro deuses primeiros, deuses cujas ações resultaram nas criações dos diversos sóis e nas epopéias dos povos mesoamericanos. Sua classificação pelos cronistas religiosos espanhóis oscilou entre a imagem do mais terrível e poderoso demônio até a mais próxima de um “verdadeiro deus”, pois alguns de seus atributos – a ubiquidade, a invisibilidade e a onisciência – se aproximariam dos atributos do deus cristão. Veremos que as duas caracterizações não são confirmadas pelas fontes coloniais nativas, que enfatizaram as participações cosmogônicas desta deidade ao lado de seu companheiro, por vezes amigo e por vezes inimigo, Quetzalcoatl (p. 184).<sup>21</sup>

O autor diz ainda que, para o Frei franciscano Bernardino de Sahagún – um dos principais cronistas espanhóis, que escreveu sobre a história intercultural da Nova Espanha –, o conhecimento dos atributos das deidades “significava não permitir que fossem introduzidos nas práticas cristãs. O entendimento dos deuses era, para Sahagún, um instrumento para a realização de uma profunda e eficiente conversão (p.185).<sup>22</sup> Nesse sentido, as ambigüidades que caracterizam as deidades mesoamericanas tendem a se fortalecer nos imaginários dos povos e dos artistas pré-colombianos.

Os artistas da cultura asteca faziam máscaras do sanguinário deus Tezcatlipoca, o favorito dos sacerdotes. As máscaras e os peitorais são símbolos usados nos rituais religiosos ou de guerra. Analisamos que a estilização e a estética dos objetos astecas seguem a materialidade local e a crença desse povo. É dentro desse princípio da diversidade cultural que as representações dos deuses e deusas ampliam o imaginário, trazendo algumas implicações que tanto podem ser de caráter positivo, quanto negativo dependendo do olhar de quem analisa. Rer discurso e imagem é um exercício de pesquisa, que implica no lugar de onde se olha, isto é, do índio, do branco, do negro, do mestiço, do rico, do pobre, da mulher, dentre outros. Essas leituras ou releituras podem ser históricas, antropológicas, sociológicas, artísticas, psicológicas ou mitológicas. Muitas dessas áreas do conhecimento se entrelaçam, no intuito de ampliar o campo de visibilidade do pesquisador.

Mais uma imagem que fez parte do cenário Mesoamericano, de grande importância histórica e cultural, é, sem dúvida, a do deus Quetzalcoatl, a serpente emplumada, responsável por uma série de interpretações tanto dos astecas, quanto dos missionários e colonizadores. Mas, que deus é esse, cuja imagem levou o rei Montezuma a não reagir à invasão espanhola? Ou reagiu?

Segundo a mitologia, Quetzalcoatl é um deus oponente às práticas dos sacrifícios, de modo que não era bem visto por outros deuses, principalmente o terrível mágico Tezcatlipoca, que fizera com que Quetzalcoatl perdesse a sua castidade com a sua irmã Quetzalpetlatl. Depois desse episódio, este deus desapareceu prometendo voltar na data de seu aniversário, Ce Acatl. O ciclo de 52 anos se completou, coincidindo com a chegada de Cortez. Conforme o calendário asteca Marcilly diz que,

[...] os ‘códices’ que Montezuma conhecia de cor são formais: todos os 52 anos com ‘1 caniço’ podiam trazer de volta, em toda sua glória e esplendor, Quetzalcoatl, o Magnífico, o Deus branco e barbado, o fabuloso Serpente de penas. Alguns anunciavam mesmo ‘montado num cervo gigante’ e revestido com negros despojos de Tezcatlipoca, enfim vencido. Um período de 52 anos acaba de se escoar, os Astecas entram no ano ‘1caniço’, o ano de 1519 de nossa era<sup>23</sup>.

A precisão da data contribuiu para que o rei asteca Montezuma interiorizasse os maus presságios, os sinais de que o seu reinado chegaria ao fim. Ao ver na imagem Cortez, semelhança à figura do deus alado, não teve dúvida, segundo Todorov. Assim, Cortez se apropria de signos indígenas para facilitar a conquista, é por isso que se faz passar por Quetzalcoatl. Ele utiliza-se das informações dadas pelos índios para depois manipular em causa própria. Usa estratégias eficientes, como, por exemplo, compreender e falar a linguagem do outro. Assim, elabora a construção do mito de volta do Quetzalcoatl<sup>24</sup>.

Nas palavras de Serge Gruzinski

Inicialmente, os índios acreditaram reconhecer em Cortez o deus Quetzalcoatl, que regressara do longínquo Oriente cercado de deuses, ou então viram nos religiosos a encarnação dos monstruosos tzitzimime, as criaturas de seu ‘apocalipse’. Evangelizadores e colonizadores, por sua vez, não fizeram por menos e tomaram os deuses indígenas por manifestações múltiplas de Satanás.<sup>25</sup>

Nessa fala, podemos perceber uma multiplicidade de interpretações de ambos os lados. Os mexicas criaram uma imagem desse deus e o confundiram com a imagem do

colonizador. Por outro lado, os ídolos dos indígenas ganharam novas significações na imagem do diabo, para os missionários. Nessa arena de confrontos e de imagens construídas é que se dão os combates das forças reais e imaginárias, no longo período de colonização da América espanhola.

É importante lembrar ainda, sobre Quetzalcoatl, as palavras de León-Portilla, ao dizer que

Projetando primeiro seus velhos mitos, os índios acreditaram que Quetzalcóatl e outros *teteo* (deuses) haviam voltado. Mas, ao conhecê-los mais de perto, ao ver sua reação diante dos objetos de ouro enviados por Motecuhzoma, ao ter notícias da matança em Cholola e ao contemplá-los por fim frente a frente em Tenochtitlan, desvaneceu-se a idéia de que Quetzalcóatl e os deuses tivessem voltado (p.21).<sup>26</sup>

Ao confundir a imagem de Cortés ao deus Quetzalcóatl, logo os nativos trataram de afastar as dúvidas em torno do espanhol, diante das atitudes deste em relação aos presentes do rei asteca e do massacre aos cholultecas. No que se refere ao ouro, os informantes indígenas revelam a Sahagún, conforme o Códice Florentino: “Encheram a cara de risos... levantaram o ouro como se fossem macacos...ansiavam pelo ouro como porcos famintos...” (p.63).<sup>27</sup>

A imagem de Quetzalcoatl carrega uma diversidade de simbolismo. As suas plumas nos instigam a pensar a ligação entre o terreno e o celestial. Podemos também interpretá-la como um mito da vida e da morte. O seu veneno nos faz fenecer, enquanto que a troca de pele significa a renovação da vida. Este deus era o filho da terra e do sol, deus do espírito da vida e do vento.

Segundo Natalino<sup>28</sup>, esta deidade é uma das mais citadas nas narrativas espanholas, quanto nas fontes coloniais indígenas. A imagem a seguir é uma das múltiplas representações do deus Quetzalcoatl.



Fonte: Philip Wilkinson<sup>29</sup>

No que tange às imagens pictográficas, Serge Gruzinski afirma que

O campo da expressão pictográfica, qualquer que sejam seus pesos aparentes, é espantosamente vasto. Abarca domínios tão variados quanto na crônica das guerras, o repertório dos prodígios e dos acidentes climáticos, os deuses, a cartografia, o comércio, o que as obras divinatórias eram as mais numerosas, “livros dos anos e dos tempos”, “dos dias e das festas”, “dos sonhos e dos presságios”, “do batismo e dos nomes das crianças”, “dos ritos, das cerimônias e dos presságios a observar nos casamentos.”<sup>30</sup>

Numa sociedade na qual a oralidade foi predominante, as pictografias eram uma das formas de escrita e de arte que muito contribuiu para os registros das representações sociais, religiosas, culturais dos povos da Mesoamérica.

É pertinente destacar ainda que

[...] durante más de cuatro siglos el cânon occidental rechazó los modos orales, visuales y pictográficos de Mesoamérica para dar cuenta del pasado. Y al tachar de primitivas o monstruosas las obras plásticas americanas, retardo el reconocimiento de éstas como fuentes valiosas del conocimiento histórico.<sup>31</sup>

Em consonância com o autor, é importante perceber o sentido da arte mexicana e reconhecer o valor que essa forma de comunicação teve para a história e a memória dessa sociedade. Dessa forma, a Arte (re)apresenta um lugar singular e plural nos modos de expressar, pensar e viver de um povo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das imagens e dos discursos de alguns teóricos, percebemos que o longo processo de colonização da América espanhola passou por uma subjugação dos valores da cultura do outro. Os ameríndios resistiram a essas práticas cristianizadas da cultura dos colonizadores. No entanto, a mestiçagem cultural possui outro significado para os mesoamericanos. Esses entrecruzamentos culturais reforçaram a aculturação dos índios, ampliando a diversidade cultural na América, sem perder seus pertencimentos étnicos.

Assim, voltamos a reiterar que as imagens de deuses e deusas nos dizem muito de uma sociedade, seja nos seus modos de viver, seja centrado numa religiosidade, ou em outras práticas sociais e culturais de um povo. Os astecas deixaram testemunhos através de documentos, como é o caso das imagens pictográficas, escultóricas e, principalmente, arquitetônicas.

As imagens foram construídas dos dois lados, conquistadores e vencidos, que, num jogo de poder e sobrevivência, legitimam discursos constituindo imagens de vencedores e de vencidos. Sobre essa questão, Leon-Portilla diz que “os índios inventaram para si uma imagem dos conquistadores”<sup>32</sup>. Da mesma forma, podemos dizer que os conquistadores e religiosos espanhóis inventaram para si uma imagem ou imagens dos nativos.

As imagens mitológicas e as imagens históricas presentes nos múltiplos códices coloniais mesoamericanos narram histórias, marcam o tempo através do calendário e testemunham a história social e cultural dos indígenas de Tenochitlan-México.

O encontro e o confronto de duas culturas, espanhola e indígena, constituem relações alteritárias, uma massacrando a outra. Esta, por sua vez, juntando os vestígios de sua cultura, de sua religião, no intuito de reconstruir sua história, legitima a resistência dos povos indígenas.

Assim, a complexidade das imagens dos deuses e das deusas astecas, em particular Tezcatlipoca e Quetzalcoatl, configuram-se numa forma de pensar o mito da criação do mundo, na sociedade asteca a partir das narrativas. Os maus presságios reforçam uma

vivência pautada na religiosidade. Dessa forma, as imagens dos deuses astecas contribuem para a reflexão sobre os modos de compreensão de cada sociedade.

## NOTAS

---

<sup>1</sup> TODOROV, Tzevetan. A conquista da América: a questão do outro. São Paulo; Martins Fontes, 1999, p.127.

<sup>2</sup> WILKINSON, Philip. O livro ilustrado da mitologia: lendas e histórias fabulosas sobre grandes heróis e deuses do mundo inteiro. São Paulo: Publifolha, 2000. p. 8.

<sup>3</sup> MARCILLY, Jean. A civilização dos Astecas. Rio de Janeiro: Otto Pierre Editores, 1978. p. 59.

<sup>4</sup> Idem, p. 74.

<sup>5</sup> TODOROV, Tzevetan. 1999, p.76,

<sup>6</sup> MARCILLY, op. cit. p. 64.

<sup>7</sup> AQUINO, Rubim Santos Leão de. História das sociedades americanas. Rio de Janeiro: Record, 2007.

<sup>8</sup> MARCILLY, Jean. op. cit, p.74

<sup>9</sup> MARCILLY, 1978, p.77-77

<sup>10</sup> Ver em TODOROV, op. cit, p.172

<sup>11</sup> AQUINO, op. cit, p.65

<sup>12</sup> SOUSTELLE, Jacques. La vida cotidiana de los aztecas em vísperas de la conquista. México: FCE, 1970, p.104-105.

<sup>13</sup> Ver em TODOROV, Tzvetan. A conquista da América: a questão do outro.

<sup>14</sup> Op. Cit. P. 169

<sup>15</sup> SOUSTELLE, Jacques. Op. cit, p.122.

<sup>16</sup> Ibidem, p.122.

<sup>17</sup> COLLOBI, Ragghianti Licia e RAGGHianti, Ludovico Carlo. Museu Nacional de Antropologia da Cidade do México: enciclopédia dos museus. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo, Indústria de papel, 1970.

<sup>18</sup> Ibidem, p.140.

<sup>19</sup> WILKINSON, Philip. O livro ilustrado de mitologia: lendas e história fabulosas do mundo inteiro. São Paulo: Publifolha, 2002.

<sup>20</sup> É contraditória a figura de Tezcatipoca, para Jean Marcilly é uma deusa, amante de Quetzacoatl. Para Wilkinson, é um deus, inimigo de Quetzalcoatl.

<sup>21</sup> SANTOS, Eduardo Natalino dos. Deuses do México Indígena: estudo comparativo entre narrativas. São Paulo: Pallas Athena, 2002, p. 184.

<sup>22</sup> Ibidem, p.185.

<sup>23</sup> MARCILLY, 1978, p.305

<sup>24</sup> TODOROV, Tzevetan. op. cit.

---

<sup>25</sup> GRUZINSKI, Serge. A colonização do imaginário: sociedades indígenas e ocidentalização no México espanhol. Séculos XVI-XVIII. São Paulo: companhia das Letras, 2003. p. 272.

<sup>26</sup> LEÓN-PORTILLA, Miguel. A visão dos vencidos. A tragédia narrada pelos astecas. Porto Alegre:L&PM, Editores, 1985, p.21.

<sup>27</sup> Relato dos informantes de Sahagún presente no Códice Florentino. In: LEÓN-PORTILLA, Miguel. OP. Cit, p.63.

<sup>28</sup> SANTOS, Eduardo Natalino dos. Op. Cit, p.195.

<sup>29</sup> WILKINSON, Philip. Op. cit. Figura de Quetzalcoatl

<sup>30</sup> GRUZINSKI, Serge. Idem, 2003, p.30

<sup>31</sup> FLORESCANO, Enrique. Espejo Mexicano. México: Consejo Nacional para la Cultura y las Artes, 2002. p. 24.

<sup>32</sup> LEÓN-PORTILLA, Miguel. Op. cit, p.21.